

Prot. N. 00768/17

Curia Generalis
Fratrum Minorum
Capuccinorum

Carta circular por ocasião
da canonização

do Bem-aventurado

ANGELO DE ACRI

(1669-1739)

15 de outubro de 2017

Lettera del Ministro Generale dei Frati Minori Cappuccini

CARÍSSIMOS IRMÃOS,
O SENHOR LHES DÊ A SUA PAZ.

Em 18 de dezembro de 1825, o Papa Leão XII beatificava o Venerável Servo de Deus Ângelo de Acri, conhecido por todos como o Apóstolo da Calábria pela sua incansável pregação durante os 38 anos de sua vida sacerdotal. Seguindo o Bom Pastor, não hesitou em andar pelas estradas em busca do pecador, do pobre e dos últimos, não poupando nada de si mesmo, mas restituindo ao Senhor o quanto recebido para que a Vida pudesse chegar a todos.

A figura do austero frade pregador e confessor, elementos típicos do nosso ser frades capuchinhos, que será proclamado “Santo” pelo Papa Francisco no próximo 15 de outubro de 2017, é testemunho seguro da veneração que sempre o acompanhou. Quem visitou a basílica que conserva seus restos mortais, em Acri, não deixa de se sentir tocado pelos inúmeros fiéis que, dia após dia, visitam-no, rezam-lhe, pedem-lhe conselho e a ele se confiam. Desde o dia de sua morte, o Santo bem-aventurado Ângelo tem assim continuado em seu ministério de pregador do anúncio de Cristo Senhor, Caminho,

Verdade e Vida, e de apelo forte e compassivo para os pecadores.

Alguém perguntará surpreso: por que somente agora? Podemos realmente considerar que o nosso confrade não apenas tem sido continuamente invocado e assim tem estado presente na mente e no coração das pessoas a ele devotas, mas que também, após a morte, jamais cessou de se fazer presente para nós, intercedendo por quem estava na necessidade e a ele se dirigia. Muitas foram as graças a ele atribuídas por sua intercessão no decurso dos séculos, e, entre estas, houve também um milagre que a Igreja reconheceu como evento determinante para a sua canonização. Alegremo-nos!

I. Breve perfil biográfico
de Santo Ângelo de Acri

Luca Antonio Falcone nasceu aos 19 de outubro de 1669 em Acri, então pequeno povoado aos pés do planalto Sila, no coração do antigo bairro Casalicchio, em uma família de humildes condições, da qual sempre se orgulhará, mesmo quando, em idade avançada e dialogando com os nobres, reafirmará ser filho de uma



“padeira” e de um “pastor de cabras”. Foi batizado no dia seguinte, na igreja de São Nicolau de Belvedere.

Aprendeu a ler e escrever de um vizinho de casa, que tinha aberto uma escola de gramática, e as primeiras noções da doutrina cristã, frequentando a paróquia de São Nicolau e a igreja conventual de Santa Maria dos Anjos, dos frades capuchinhos. Um pouco mais crescido, um tio sacerdote, Pe. Domenico Errico, irmão da mãe, enviou-o a estudar, na esperança de poder fazer dele uma pessoa culta e instruída, capaz de ser de auxílio à mãe, que tinha ficado viúva prematuramente.

Por volta dos vinte anos, Luca Antonio, após uma breve experiência de vida eremítica, inclinava-se em viver a sua consagração entre os capuchinhos, desfazendo-se de qualquer receio em 1689, após ter escutado a pregação carismática do capuchinho Antônio de Olivadi. O caminho do jovem de Acri logo se revelou um percurso de obstáculos: por duas vezes, de fato, Luca Antonio depôs o hábito religioso deixando o noviciado, desencorajado pela austeridade da vida capuchinha ou cedendo às saudades da mãe, a quem tinha deixado em lágrimas. Mas, em 12 de novembro de 1690, pela terceira vez, Luca Antonio iniciava o noviciado no convento de Belvedere Marittimo, com o nome de Ângelo de Acri. Também desta vez, não faltaram reconsiderações e tentações, mas, enquanto no refeitório eram lidos os gestos heroicos de Frei Bernardo de Corleone (†1667), cuja Causa de beatificação estava em andamento, elevou uma forte súplica ao Senhor para ser ajudado em sua luta. Conta-se que Frei Ângelo de Acri foi encorajado pelo Senhor, que lhe indicava para agir como tinha se comportado Frei Bernardo de Corleone. Era o sinal esperado.

Emitida a profissão dos votos religiosos, em 12 de novembro de 1691, Frei Ângelo se dirigiu determinado pelo caminho da perfeição evangélica, preparando-se à ordenação sacerdotal, recebida na Catedral de Cassano allo Ionio em 10 de abril de 1700, dia de Páscoa, e chamado pela obediência a se preparar para ser pregador. De 1702 a 1739, ano de sua morte, percorreu incansavelmente toda a Calábria e boa parte da Itália meridional, pregando quaresmas, retiros, missões populares.

O início de seu ministério de pregador não foi dos mais felizes: o exórdio do púlpito de San Giorgio Albanese, nos arredores de Corigliano, revelou-se um verdadeiro e próprio fracasso, por três noites seguidas, por uma fatal confusão de amnésia que lhe fazia com que o texto, arduamente aprendido a memória, e pela incapacidade de continuar a pregação de algum modo, a ponto de constrangê-lo a escapar desconsolado.

Em lágrimas diante da Cruz de sua cela, Frei Ângelo tomou consciência de seu fracasso e chegou à decisão irreversível: daquele momento em diante, teria pregado “Cristo crucificado, despido, distante de bizarrices retóricas e mesmo da submissão à língua toscana, mas somente com idioma nativo”, repetindo “passo a passo” o que o Espírito Santo lhe fosse sugerindo, inflamando seu coração de zelo e união espiritual. E foi um sucesso, apesar das resistências encontradas naqueles ambientes e pessoas que se achavam iluminadas pela razão. Contudo, consciente de que o pregador que não acorre ao confessorário é semelhante ao semeador que não provê a colheita, Frei Ângelo de Acri transcorria muitas horas no confessorário, jamais se cansando de escutar e de usar de misericórdia para com os pecadores. Era sua

convicção, que com a caridade se podiam resolver as situações mais difíceis, e que com a misericórdia lhe teria sido mais fácil reconduzir à graça de Deus todos os pecadores que a caridade de Deus impelia a se ajoelharem em seu confessional. Mas não somente os aguardava; muitas vezes, a caridade de Deus o impeliu a buscar os pecadores arredios à reconciliação, bem como foi solícito em acorrer os enfermos que pediam a sua assistência espiritual.

O seu amor pelos pobres e por aqueles que sofriam injustiças impeliu-o várias vezes a recorrer aos Senhores Sanseverino, há séculos proprietários de Acri, para dar ouvidos às justas reivindicações da população, para que fossem respeitados os direitos mais básicos. A Frei Ângelo, importava a salvação integral do homem, daqueles pobres no espírito e no corpo, daqueles humilhados em sua dignidade e daqueles que tinham se afastado de Deus.

Jamais deixava o lugar, onde tinha pregado a misericórdia de Deus e reconciliado os pecadores, sem deixar sinais concretos: o calvário e a imagem de Nossa Senhora das Dores, apelos concretos do Amor de Deus que sofre e se oferece a si mesmo para que o homem tenha a Vida.

Na Ordem, teve também funções de autoridade e, como Ministro Provincial, não deixou de apelar para os frades viverem com autenticidade a vida capuchinha, propondo-lhes cinco pedras preciosas: a austeridade, a simplicidade, a exata observância das Constituições e da Regra, a inocência de vida e a caridade inesgotável.

Aos 70 anos, em 30 de outubro de 1739, morria no convento de Acri, oferecendo a sua vida a Deus, para que cobrisse a cidade e a Calábria dos mais belos dons: a paz e o bem para todos.

II. A Santidade de Frei Ângelo de Acri, um dom para acolher e viver hoje.

O caminho vocacional do jovem Luca Antonio foi marcado por muitas incertezas: por duas vezes, pediu para entrar para os frades capuchinhos e, em ambos os casos, saiu confuso, deixando o convento. Ainda com tantas incertezas, regressou pela terceira vez e pediu para vestir o hábito de São Francisco e recomeçar o noviciado.

Luca Antonio vivia um profundo conflito em seu ânimo: por um lado, nutria um profundo afeto pela mãe, que tinha ficado viúva, e não desejava desiludir as expectativas do tio sacerdote, que o convidava a estudar para poder dar à mãe sustento adequado; por outro, sentia-se fortemente atraído pelo exemplo e pela palavra do pregador capuchinho Antônio de Olivadi. O futuro Frei Ângelo experimentava dentro de si o sentimento de quem sinceramente quer bem à mãe e ao tio, mas, ao mesmo tempo, sente outro

chamado. A vocação para se consagrar ao Senhor pede para doar a si mesmo sem reter nada. Também em nossos dias, frequentemente a escolha de consagrar a própria vida



03





ao Senhor nasce após o encontro com pessoas que vivem de maneira autêntica e radical a própria consagração.

Frequentemente, o caminho vocacional é marcado por dúvidas e incertezas, percebe-se o risco de se fechar sobre si mesmo e de abandonar o ideal pelo qual se experimentou grande entusiasmo e atração. Somente quem compreende que lhe foi pedido para doar toda a sua existência, tudo o que possui, mesmo sendo a própria sensibilidade e os próprios afetos, só então descobrirá como a decisão de acolher o chamado do Senhor para estar com Ele é fonte de uma alegria profunda e realiza a própria existência.

O embate vocacional vivido por Santo Ângelo de Acri reafirma a verdade do que disse Jesus aos seus discípulos: “Em verdade vos digo, quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, campos, por causa de mim e do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, durante esta vida – casa, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições – e, no mundo futuro, a vida eterna” (Mc 10,29-30).

Seguir Cristo comporta um novo modo de viver as relações, mesmo as mais sagradas. Jesus não ordena nenhuma fuga, mas pede um amor maior, que coloque a sua pessoa no centro de tudo, e quando ele se torna o centro unificante da nossa existência, redescobrimos um modo mais autêntico e mais livre de viver os nossos afetos e as nossas relações. Será Ele mesmo a conduzir-nos à descoberta daquele que é “o sumo bem, eterno, do qual vem todo bem, sem o qual não há nenhum bem” (São Francisco, Exposição sobre o Pai Nosso 2). Paradoxalmente, não se trata de deixar, mas de encontrar por causa de Cristo e do Evangelho, recebendo em herança cem

vezes mais.

No acompanhamento vocacional, ou no discernimento com aqueles que querem abraçar a nossa vida, é necessário propor, decididamente, a doação sem reservas da própria existência ao Senhor, mostrando também que este dom de si deverá experimentar a provação e a tentação de abandonar o caminho iniciado.

Frei Ângelo de Acri, após ter dado tudo ao Senhor, experimentou os primeiros fracassos na pregação; não se desencorajou, mas mudou o estilo da sua pregação, que se tornou fortemente evangélica, inspirando-se no que São Francisco exorta na Regra: “Admoesto também e exorto os mesmos irmãos a que, na pregação que fazem, seja sua linguagem examinada e casta, para a utilidade e edificação do povo, anunciando-lhe, com brevidade de palavra, os vícios e as virtudes, o castigo e a glória; porque o Senhor, sobre a terra, usou de palavra breve” (São Francisco de Assis, Regra Bulada IX,4-5).

O ensinamento é atual também para nós: somos chamados a anunciar o Evangelho com fidelidade, partindo o pão da palavra com uma linguagem simples e compreensível pelas pessoas do nosso tempo, anunciando o Amor misericordioso de Deus que abraça a nossa humanidade. Este anúncio traz mais frutos do que o discurso refinado, recheado de doudas citações teológicas e culturais.

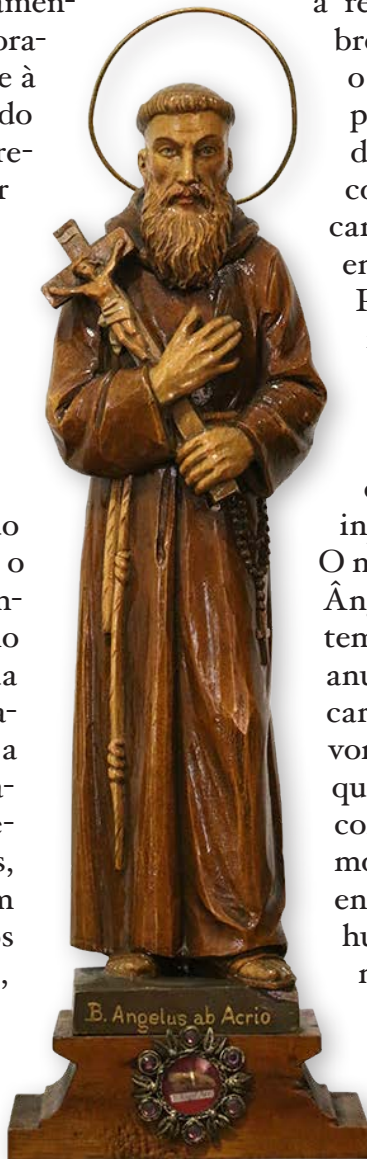
Escreve o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*: “Este âmbito materno-eclesial, onde se desenrola o diálogo do Senhor com o seu povo, deve ser encarecido e cultivado através da proximidade cordial do pregador, do tom caloroso da sua voz, da mansidão do estilo das suas frases, da alegria dos seus gestos.

Mesmo que às vezes a homilia seja um pouco maçante, se houver este espírito materno-eclesial, será sempre fecunda, tal como os conselhos maçantes duma mãe, com o passar do tempo, dão fruto no coração dos filhos” (Francisco, *Evangelii Gaudium* 140).

O capuchinho Ângelo de Acri intuiu que uma pregação refinada ou uma oratória retoricamente irrepreensível, como também impregnada de doutrina ou meramente moralista, não ajudava os corações a se abrir incondicionalmente à conversão e ao reconhecimento do “todo de Deus”. A sua foi uma pregação que convidava a reencontrar a beleza de ser filho no Filho Jesus e a bondade daquele Amor de Deus que não pode ser retido para si, mas que deve ser continuamente doado.

Escreve ainda o Papa Francisco: “O pregador tem a belíssima e difícil missão de unir os corações que se amam: o do Senhor e os do seu povo. O diálogo entre Deus e o seu povo reforça ainda mais a aliança entre ambos e estreita o vínculo da caridade. Durante o tempo da homilia, os corações dos fiéis fazem silêncio e deixam-no falar a Ele. O Senhor e o seu povo se falam de mil e uma maneiras diretamente, sem intermediários, mas, na homilia, querem que alguém sirva de instrumento e exprima os sentimentos, de modo que, depois, cada um possa escolher como continuar a sua conversa” (Francisco, *Evangelii Gaudium* 143).

Com a sua pregação, Ângelo de Acri foi o instrumento capaz de unir o coração do Senhor ao dos homens. Frei Ângelo transmitia a seus ouvintes a alegria e a felicidade de um Deus que é feliz em dialogar com seu povo. O confessionário era o lugar onde oferecia ao penitente a consolação do perdão de Deus que abria o caminho a uma vida nova em Cristo. E é justamente no sacramento da reconciliação que se renova o abraço de Deus, já dado no Batismo e agora novamente dado como abraço misericordioso.



O seu zelo na pregação e o perdão oferecido no sacramento da reconciliação gerou em Frei Ângelo uma forte sensibilidade para com os pobres. Com coragem e força, denunciou as condições sofríveis em que viviam os homens e as mulheres do seu tempo e da sua terra. Clamou pela justiça em favor do povo pobre, denunciando os escândalos bancários,

as cobranças arbitrárias das taxas sobre a renda, os impostos elevados sobre a criação de bicho-da-seda ou o confisco injusto e violento de propriedades privadas por parte daqueles que pretendiam estar no comando do povo. Testemunhou a caridade cristã visitando os pobres em suas casas, compartilhando a Providência que ele mesmo tinha recebido. Jamais deixou de visitar os presos, abraçando-os em sua dignidade, exortando-os ao arrependimento e à aceitação da pena, defendeu os inocentes injustamente condenados.

O missionário, pregador e confessor Ângelo de Acri compreendeu e testemunhou que a palavra de quem anuncia o Evangelho deve se encarnar em gestos concretos em favor do pobre, do sofredor, daqueles que sofrem injustiças. “A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora.

A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na

vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros” (Francisco, *Evangelii Gaudium* 178).

A pregação apaixonada do santo era capaz de suscitar conversões, despertando as consciências para buscar o bem, e esta obra era testemunhada pelas obras de misericórdia em favor e em defesa dos pobres. Também em nossos dias, peçamos ao Espírito Santo



06

para suscitar anunciadores e pregadores capazes de confirmar sua palavra com a autenticidade de suas vidas, cujos gestos concretos transmitam luz e sabor, pureza e fermento. Peçamo-lo para nós mesmos e coloquemos à disposição as nossas energias, para que, com a autenticidade da vida, possamos transmitir luz e sabor, e ser o bom fermento que transforma a farinha de trigo no bom pão da caridade e da acolhida.

Santo Ângelo de Acri, que a Igreja nos dá como modelo e exemplo de vida autêntica e realizada, ensina a todos cristãos e, em particular, a nós frades capuchinhos, como anunciar o Evangelho ao homem sedento de liberdade. A vida no Espírito nos conduz à verdadeira liberdade, que nos torna capazes de reconhecer a dignidade de cada ser humano. Esta passagem acontece e cresce quando acolhemos na fé o Senhor Jesus que, assumindo a nossa carne, elevou a pessoa humana à dignidade de filho de Deus.

Uma das pinturas mais antigas representa Frei Ângelo de Acri que olha e contempla o Crucifixo, centro da sua pregação e da sua oração. A meditação da Paixão do Senhor acompanhava as longas viagens a pé, de uma cidade a outra, aonde se dirigia para pregar. Nas longas horas de oração solitária, medita-

va a cada momento os sofrimentos de Cristo; cuidava e abraçava quem estava doente no corpo e no espírito, reconhecendo nos sinais da enfermidade as chagas de nosso Senhor. Guardava em seu coração o rosto e o nome de Jesus crucificado, ícone de um amor sem limites.

Irmãos caríssimos, Santo Ângelo de Acri enriquece de modo admirável a Santidade da nossa Ordem. A sua Santidade proclamada pela Igreja soma-se à longa fileira de frades que seguiram São Francisco de Assis, que com paixão anunciaram o Reino de Deus, amando a Igreja e abraçando o leproso do próprio tempo. Cada um de nós guarde sempre um ânimo contemplativo, simples e alegre. Peçamos a Graça de contemplar Cristo Crucificado para chegar a amá-Lo na carne sofredora do pobre, do marginalizado, de quem necessita de cuidado e afeto, e, entre estes, frequentemente encontra-se também o confrade que vive em nossas fraternidades.

Testemunhando a beleza de Deus, levem a paz e o amor de Cristo Salvador. A Virgem Imaculada os acompanhe e sustente sempre.

Roma, 4 de outubro de 2017
Festa do Seráfico Pai São Francisco

Fr. Mauro Jöhri, OFM Cap.
Ministro Geral

